

## HELEIETH SAFFIOTI E A EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE

## HELEIETH SAFFIOTI E LA EDUCACIÓN: CONTRIBUICIONES AL DEBATE

## HELEIETH SAFFIOTI AND EDUCATION: CONTRIBUTIONS TO THE DEBATE

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i1.36>

Marco Antonio de Oliveira Gomes<sup>1</sup>

Ana Paula Aires Rodrigues<sup>2</sup>

Crislaine Aparecida Pita<sup>3</sup>

Daniela Azarias Ferreira da Silva<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como propósito compreender como se deu a relação de Heleieth Saffioti com a educação. Para tanto, o texto aborda, num primeiro momento, aspectos biográficos da vida da estudiosa, tais como a formação acadêmica e político-ideológica; num segundo momento, tem como intuito discutir o legado teórico de Saffioti e seu pioneirismo; e, por fim, discute a relação de Saffioti com a educação. Não se trata aqui de empreender um julgamento de valor a respeito das ideias de Saffioti, tampouco tomar como dogmas suas concepções. O intento da análise é compreender como suas contribuições podem ser tomadas como referência na discussão sobre a educação numa perspectiva feminista, sobretudo, considerando a histórica luta de classes.

**Palavras-chave:** Concepção de educação. Heleieth Saffioti. Marxismo.

**Resumen:** Este trabajo tiene como propósito comprender la relación de Heleieth Saffioti con la educación. Con este fin, el texto aborda, al principio, aspectos biográficos de la vida del estudiosa, como la formación académica y político-ideológica; segundo, tiene como objetivo discutir el legado teórico de Saffioti y su espíritu pionero; y, finalmente, presenta y discute la relación de Saffioti con la educación. No se trata de hacer un juicio de valor sobre las ideas de Saffioti, ni de tomar sus concepciones como dogmas. El propósito del análisis es comprender cómo sus contribuciones pueden tomarse como referencia en la discusión sobre educación desde una perspectiva feminista, especialmente considerando la lucha de clases histórica.

**Palabras clave:** Concepción de la educación. Heleieth Saffioti. Marxismo.

**Abstract:** This work aims to understand how Heleieth Saffioti's relation with education took place. For this purpose, the text initially addresses biographical aspects from the scholar's life, such as her academic and political-ideological formation; secondly, it aims to discuss Saffioti's theoretical legacy and her pioneering spirit; and, finally, it presents and discusses Saffioti's relation with education. This is not about making a value judgment about Saffioti's ideas, nor about taking her conceptions as a dogma. The purpose of the analysis is to understand how her contributions can be taken as a reference in the discussion of education from a feminist perspective, especially considering the historical class struggle.

**Keywords:** Education. Heleieth Saffioti. Marxism.

### Introdução

Para compreender a relação estabelecida entre Heleieth Saffioti (1934-2010) e a educação é imprescindível conhecer sua trajetória formativa. Desse modo, se faz necessário conhecer como se deu sua formação, tanto em seus aspectos acadêmicos, quanto profissionais e pessoais, pois entendemos, assim como afirmou Marx (2007), que não é a consciência que determina a matéria e sim a matéria que determina

a consciência. Deste modo, entende-se que a produção de pensamento seja de qual autor estejamos falando, diz respeito a uma produção elaborada dentro de determinado contexto histórico-social. Esta, por sua vez, subsumida a uma série de condicionantes históricos que determinam, em certa medida, o teor da produção de tal pensamento. Assim, entendemos que ao tratar das concepções implícitas no pensamento de Saffioti, devemos considerar tanto o contexto de sua produção, quanto a trajetória formativa da autora. Compreendemos que as seleções realizadas, suas escolhas teórico-metodológicas, bem como as condições encontradas para suas produções, são aspectos a serem considerados nas análises.

Na tentativa de alcançar êxito na proposta, as discussões apresentadas no trabalho perpassam três eixos fundamentais, sendo eles: num primeiro momento, aspectos biográficos da vida da estudiosa, tais como a formação acadêmica-profissional e político-ideológica; num segundo momento, tem com o intuito discutir o legado teórico de Saffioti e seu pioneirismo, principalmente considerando sua obra *A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade* (2013); e, por fim, discute a relação de Saffioti com a educação a partir da perspectiva epistemológica marxista. Ressalta-se que não se trata aqui de empreender um julgamento de valor a respeito das ideias de Saffioti, tampouco tomar como dogmas suas concepções. O intento da análise é compreender como suas contribuições podem ser tomadas como referência na discussão sobre a educação numa perspectiva feminista, sobretudo, considerando a histórica luta de classes.

### ***Heleieth Saffioti: formação e trajetória político-ideológica***

A contar dos seus primeiros anos na academia, Heleieth Iara Bongiovani Saffioti percorreu uma trajetória de cinco décadas, nas quais dedicou-se ao estudo das relações de gênero, em particular, as condições de subsistência das mulheres em uma sociedade constituída sobre os pilares da luta de classes e do patriarcado. A partir de uma abordagem epistemológica marxista, seu trabalho foi reconhecido nacional e internacionalmente, este permanece como referência até os dias atuais.

Para desenvolver seus estudos e carreira profissional, Saffioti lidou com situações próximas a sua área de estudo, ou seja, com as limitações impostas ao gênero feminino, relativas ao acesso à escolarização e ao mercado de trabalho. Insegurança, assédio sexual e trabalhos domésticos em troca dos estudos, foram algumas das barreiras que tiveram de ser superadas por esta intelectual.

Natural de Ibirá, estado de São Paulo, Heleieth nasceu em 04 de janeiro de 1934. Seu primeiro contato com a escola foi na mesma cidade, que teve que deixar após terminar o quarto ano do ensino primário, para voltar a viver com a sua família que havia se mudado para Auriflora, interior de São Paulo. Nesta cidade, atuou como monitora junto a uma professora do terceiro ano, por três anos, até que pudesse viver em uma cidade que ofertasse o curso ginásial. Em Itapetininga, com 13 anos cursou o ginásio. Aos 14 anos, mudou-se para São Paulo a fim de estudar na Escola Normal, no Instituto de Educação Caetano de Campos.

Nos horários livres entre o trabalho de secretária e as aulas, lecionava aulas particulares para a classe abastada. De origem humilde, Heleieth necessitava auxiliar financeiramente a sua família e a busca por condições de subsistência foi determinante para que ela procurasse um curso que a capacitasse para

adentrar ao mercado de trabalho. Desta forma, após formar-se normalista na Escola Normal da Praça, fez o Curso de Aperfeiçoamento para Professores Primários que concluiu em 1954, aos 20 anos de idade, pelo Instituto de Educação Caetano de Campos. Por ocupar o primeiro lugar na classificação geral, Heleieth passou a exercer o magistério em São Paulo, capital, no Grupo Escolar Paulo Setúbal. Por essa razão, não atuou em locais afastados do centro urbano paulista, situação que a maioria das normalistas vivenciaria na época até alcançarem uma pontuação que as permitisse escolher o local de trabalho.

Em 1956, cumpriu exame vestibular para Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e foi aprovada. Entre o início e o término dos estudos, casou-se com Waldemar Saffioti e residiu nos Estados Unidos por um ano. Em 1961, aos 26 anos de idade, graduou-se, passou a lecionar para o estado, e, no ano seguinte, 1962, devido a necessidade de mudança para Araraquara e continuar comissionada, prestou vestibular para Pedagogia e logrou o primeiro lugar na UNESP.

Após convite do seu professor de sociologia, Luiz Pereira, lecionou para as suas colegas de turma do primeiro e terceiro ano de Pedagogia. Em 1966, decidiu adentrar ao doutorado na USP sob a orientação do professor Florestan Fernandes, a fim de cumprir com uma normativa do estado.

Aos 33 anos passou a exercer a livre docência em Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, ou seja, na UNESP “[...] graças a visão política do professor Florestan Fernandes [...]” (MENDES; BECKER, 2011, p. 149), que foi seu orientador da tese de doutorado. Embora Florestan fosse oficialmente o seu orientador, Saffioti afirmou em entrevista a Mendes e Becker (2011), que este havia reprovado o seu projeto de doutorado e teceu duras críticas ao texto final da tese.

Enquanto enfrentava desafios no meio acadêmico por ser do sexo feminino e assumidamente marxista, Saffioti continuou seu trabalho de livre docência e desenvolveu a sua tese intitulada “A mulher na sociedade de classes: mito ou realidade”. Sobre este período, marcado pela ditadura civil militar no Brasil, a socióloga afirmou:

Entreguei a tese em dezembro de 1966 e ela foi enviada para o Conselho Estadual de Educação (CEE). Havia um conselheiro-padre, de cujo nome não me recordo. Ele adoeceu e teve a brilhante ideia de levar a minha tese para leitura, durante sua convalescença, no hospital. Claro que ele deve ter piorado várias vezes. Quando melhorou, ele fez um discurso acalorado no CEE, dizendo que se tratava de uma candidata comunista [...], que só conhecia o Manifesto do Partido Comunista e que tinha a veledade de criticar Weber. Então, armaram uma guerra psicológica, que durou aproximadamente três semanas, dizendo-se que substituiriam minha banca inteira, composta por Florestan Fernandes, Ruy de Andrada Coelho, Antônio Candido, Gioconda Mussolini e Luiz Pereira. (MENDES; BECKER, 2011, p. 151).

Em meio a críticas por seu posicionamento teórico, considerado subversivo, a defesa da tese ocorreu em 1967. A publicação da pesquisa como livro pela primeira vez se deu em 1969, porém não encontrou campo fértil no Brasil da época, em que o movimento feminista era incipiente. Em 1978, a obra “A mulher na sociedade de classes” é publicado em língua inglesa. O título “Women in class society” é bem recebido no exterior e Saffioti torna-se reconhecida internacionalmente, como pioneira no estudo sobre a condição da mulher em relação ao modo de produção capitalista.

Na UNESP, criou um curso de pós-graduação *stricto sensu* e a partir de 1983, devido as orientações que fazia na pós-graduação, aprofundou-se na temática da mulher e passou a trabalhar

intensamente com grupos de estudo, cursos e pesquisas afetas ao abuso e violência contra a mulher, especialmente no espaço doméstico. Advogava que a mulher não possuía um lugar de privacidade, mesmo dentro de seu próprio dormitório, no qual estaria perenemente sujeita às vontades do seu marido. Criticava a ação da religião, em particular a católica, em ditar os comportamentos e regras que feriam a liberdade feminina e que respaldavam a dominação masculina sobre o feminino, como por exemplo, a proibição ao aborto.

Interessou-se pelas leis e formou-se em Direito, porém sem abandonar a sociologia. A autora acreditava que por meio do conhecimento das leis e da sociologia poderia propor medidas de proteção à mulher em concordância com as necessidades oriundas das contradições da sociedade de classes. Saffioti buscou romper com a cortina de omissão presente nos debates sociais, nos quais contemplava-se o discurso contrário ao desemprego e a violência como um todo, porém não se discutia as desigualdades de gênero e de raça.

No ano de 2005, Heleieth foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz, que buscou homenagear conjuntamente 1000 mulheres ao redor do mundo que se dedicaram a consolidar a paz na sociedade. Aos 76 anos de idade, em 13 de janeiro de 2010, Heleieth faleceu na cidade de São Paulo e deixando um legado de luta e resistência feminina.

### ***O legado pioneiro de uma feminista-marxista***

Como mencionado, Heleieth Saffioti tornou-se reconhecida nacional e internacionalmente como uma das principais pesquisadoras sobre estudos feministas do Brasil. Seu olhar atento às mulheres, trouxe para literatura uma classe que diante do sistema patriarcal, muitas vezes ignorada, a luta contra exploração e opressão impostas pelo sistema. E, sem temer às polêmicas, seus escritos se identificam com as bandeiras da esquerda e as posições progressistas.

Seu interesse pela temática se deu a partir de 1963, quando na condição de docente do curso de Ciências Sociais da Unesp de Araraquara, realizou uma pesquisa com professoras do ensino primário e com operárias da indústria têxtil e nesse contexto notou a ausência de bibliografia sobre o tema em território nacional passou, então, a dedicar-se à essa investigação. Até aquele momento, suas principais referências eram de autoras estrangeiras, tais como: Simone Beauvoir (1908 – 1986), Alva Myrdal (1908 – 1986) e Viola Klein (1908 – 1973), as quais certamente influenciaram a formação do pensamento intelectual de Saffioti.

A partir daí, Saffioti se dedica a preencher a lacuna de estudos sobre as mulheres e de certa forma, se torna pioneira no assunto no Brasil. Seus escritos, amparados pela ótica marxista, buscavam compreender as mulheres diante de uma perspectiva de luta de classes e assim, suas pesquisas lançaram a voz de uma pesquisadora, feminista e marxista em meio a grandes radicalizações políticas no país. Nunca é demais frisarmos que em 1964, paralelamente à época de início de suas obras, o Brasil sofreu um golpe de Estado e houve a instauração do regime militar em todo território brasileiro. Tal período, marcado pela efervescência política, foi constituído por perseguições, censuras, prisões, entre outras ações autoritárias e

repressivas por parte do Estado. O próprio contexto nos mostra a resistência de Saffioti em debater diante do caos.

Sua postura militante e seu desejo de debater e dar voz as mulheres, resultou em 11 livros, 60 artigos, 45 capítulos de obras, 17 textos destinados à publicação em jornais e revistas, 3 trabalhos publicados em anais de congressos e diversas premiações.

É possível de acordo com Gonçalves (2011), separar a obra de Saffioti em duas grandes fases “[...] uma primeira, que vai de meados dos anos 1960 ao final dos 1980 e foi marcada pela análise do trabalho feminino na sociedade capitalista; e uma segunda fase, dedicada aos estudos sobre violência doméstica, momento que se estende do início dos anos 1990 até o final do ano de 2010 (GONÇALVES, 2011, p. 120). Dentre estas, apresenta-se no Quadro 1 as principais produções de Saffioti no período de 1967 a 2004:

Publicações de Heleieth Saffioti (1967-2004)	
1969	A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade
1969	Profissionalização Feminina: Professoras Primárias e Operárias
1978	Emprego Doméstico e Capitalismo
1979	Emprego Doméstico e Capitalismo II
1981	Do Artesanal ao Industrial: A Exploração da Mulher
1983	O Fardo das Trabalhadoras Rurais
1984	Mulher Brasileira: Opressão e Exploração
1987	O Poder do Macho
1994	Mulher Brasileira É Assim
1995	Violência de Gênero: Poder e Impotência
2004	Gênero, patriarcado, violência

Quadro 1: Produções de Heleieth Saffioti no período de 1967 a 2004 - Elaborado pelos autores.

Como é possível observar no Quadro 1, entre as suas principais obras estão: *Profissionalização feminina: professoras primárias e operárias*, pela editora Mimeo e *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade (1969)*, pela editora Vozes, estudo no qual considera que classe e gênero são constituídos ao longo da história e afirma que “[...] a situação da mulher na sociedade capitalista é encontrável através da análise das relações entre o fator natural sexo e as determinações essenciais do modo capitalista de produção” (SAFFIOTI, 2013, p. 507). A obra *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, trata-se da expressão maior do pensamento de Heleieth Saffioti, pode ser considerada, sem dúvidas, uma obra pioneira e atual. É fruto de sua tese de livre docência, defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) em 1967, sob a orientação de Florestan Fernandes.

A obra, mais tarde transformada em livro, em suas mais de 500 páginas, representa o esforço de abstração empreendido por Saffioti na busca de apreender

[...] os mecanismos típicos através dos quais o fator *sexo* opera na sociedade de classes de modo a alijar da estrutura ocupacional grandes contingentes de elementos femininos[...] desvendar as verdadeiras raízes desse alijamento justificado ou em termos de uma tradição conforme a qual à mulher cabem os papéis domésticos ou, de maneira mais ampla, todos aqueles que podem ser desempenhados no lar, ou por teorias cujo conteúdo

explicita pretensas deficiências do organismo e da personalidade femininos. (SAFFIOTTI, 2013, p. 39).

Ao desenvolver suas análises e reflexões, a socióloga deixa claro seu posicionamento teórico metodológico, partindo das relações empreendidas por meio da realidade material, assim, afirma que:

[...] a dialética marxista revela-se um método de grande valor heurístico, uma vez que possibilita não somente a realização do teste comprobatório das formulações clássicas, sobretudo de Marx, como também a incorporação crítica, através da dialetização dos conceitos, de formulações teóricas originadas em distintas concepções da história. (SAFFIOTTI, 2013, p. 44).

É válido lembrar que a referida obra, conta neste sentido, com diálogo estabelecido por Saffioti entre distintas concepções teórico-metodológicas, como a própria autora afirma, como é o caso de Weber, por exemplo. Entretanto, ressalta-se que isto não torna as análises de Saffioti ecléticas neste sentido, isto porque a autora trata de modo crítico, com base na dialética marxista tais concepções.

A obra dividida em três partes, tratou-se de um desafio para Saffioti. Assim, destaca-se que,

O livro que foi e é reconhecido como pioneiro ao analisar a situação das mulheres como um “efeito” da sociedade de classes, não surgiu pronto e acabado; é parte da trajetória desta intelectual que ousou inaugurar a produção de uma teoria feminista fora dos grandes centros do saber instalados nos países de capitalismo avançado. (GONÇALVES, 2013, p. 11).

No momento de sua produção, fins da década de 1960 no Brasil, além de se tratar de um período ditadura civil-militar, motivo pelo qual, a autora precisou antecipar sua finalização, outra questão se colocava diante de Saffioti: a ausência de material para referência, tanto em termos teórico-metodológicos, quanto em termos de fundamentação empírica. No momento de desenvolvimento do trabalho Saffioti se deparou com uma extrema escassez de materiais que pudessem apoiá-la em sua empreitada. Assim,

Para fundamentar suas análises, Heleieth Saffioti leu praticamente tudo o que existia da literatura marxista e socialista desde os ‘utópicos’. Obras importantes de Engels, como *A origem da família, da propriedade e do Estado*, leu em francês. Recorreu à edição mexicana do Fondo de Cultura Económica para consultar dois clássicos para seu estudo: *El Capital* e *Historia crítica de la teoría d la plusvalía*. Todo o restante da produção de Marx leu em francês, especialmente o vasto acervo publicado pelas Éditions Sociales. (GONÇALVES, 2013, 15, grifos no original).

A organização teórico-metodológica possibilitou que ele nos apresentasse um extenso volume de informações, problematizadas, discutidas e organizadas de modo a dar cabo de seus objetivos, ao contemplar três eixos elencados para compô-la, sendo eles: A mulher e o capitalismo; Evolução da condição a mulher no Brasil; e, A mística feminina na era da ciência. A obra demonstra que as sociedades evidenciam e auxiliam na disseminação de preconceito contra as mulheres. Desse modo, busca denunciar a desvalorização e marginalização do trabalho feminino no contexto econômico e a real situação na sociedade de classes.

Em 1978 e 1979, publica o título *Emprego doméstico e capitalismo* e *Emprego doméstico e capitalismo II*, respectivamente. Nessas obras, o cerne do estudo indica que o modo de produção capitalista para funcionar se divide em dois eixos: formas capitalista de trabalho e formas não capitalistas de trabalho. A existência da segunda se faz primordial no sistema, pois o trabalho não capitalista agrupa um exército de reservas necessários para a lógica de exploração do trabalho e é o que o mantém. Nesses termos, o trabalho doméstico, realizado majoritariamente por mulheres, se encaixa nesse grupo. E, mesmo que difere da lógica

de mais valia, este não deixa de ser subordinado ao capital. Então, na obra, Saffioti discute e problematiza o valor de troca, a força de trabalho, exploração, entre outras questões desempenhadas nesse meio de trabalho.

*Do Artesanal ao Industrial: A Exploração da Mulher (1981)*, publicado pela editora Hucitec, também é uma importante obra da autora. A escolha de estudar a área têxtil se deu pelo fato de ser um mercado com um grande contingente de mulheres e a demasiada exploração feminina no setor. Além disso, a pesquisa embasada no sistema operário brasileiro e norte americano, retrata a esperança de Saffioti (1981, p. 16) de “[...] que as mulheres, através de sua práxis educadora, venham a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa”.

O atrativo e sugestivo título *O poder do macho* foi encomendado pela editora Moderna, escolheu a dedo a autora para participar da chamada “Coleção polêmica” do “Projeto passo à frente”. Foi publicado em 1987, cujo objetivo se deu em expandir e tornar acessível para o público não acadêmico e mais jovem a realidade das discriminações enfrentadas pela mulher e pelo negro no Brasil.

Fugindo dos padrões, a obra encomendada foi escrita em um tom menos científico e mais acessível para cumprir o objetivo proposto, o que foi comentado pela autora em tom descontraído no próprio texto *O poder do macho* “[...] Muitos, aí inclusos amigos meus, opinaram que eu só sabia escrever sociologuês” (SAFFIOTI, 1987, p. 5). Além do formato de escrita, o fato de dialogar com os mais jovens, também foi encarado como um desafio, porém entregue à altura do esperado.

Sem abandonar sua perspectiva teórica marxista, em tom de denúncia expõe a exploração por parte do homem, adulto, branco contra a mulher e os negros em geral vivenciada na sociedade capitalista. Retomando, portanto, os mais antigos sistemas de exploração: patriarcado e escravidão. Assim provocando no leitor diferentes estratégias de luta social e política.

O livro *Mulher brasileira é assim*, foi organizado por Heleieth Saffioti e Mônica Vargas em 1994. A coletânea de textos contidos na obra aborda o tema de violência e gênero, trazendo à tona o assunto sobre violência física/doméstica contra a mulher no seio familiar, bem como o papel da mulher na sociedade capitalista.

Essa problemática foi explorada e estendida em suas obras *Violência de gênero: poder e impotência (1995)* e *Genêro, patriarcado e violência (2004)*. Nos textos ela teve o intuito alertar sobre o desencadeado processo de violência que as mulheres sofrem pelos homens que convivem com as mesmas em suas casas, na maioria das vezes, os seus companheiros. Chamou a atenção também para a violência sexual e embasou seu estudo em diversos dados científicos que comprovam as estatísticas das vítimas, enfatizando que esse comportamento, por muitas vezes é aceitável, simplesmente pelo fato de ser exercido por homens, os quais são socialmente aceitos, independente do ato, por conta de seu gênero.

Diante das obras de Heleieth Saffioti, podemos claramente identificar que fiel a temática sobre mulheres, sua trajetória de autora fez possível a composição de um acervo bibliográfico muito importante sobre o tema e que pioneiro em sua época, serve como aporte teórico para jovens pesquisadores da atualidade, considerando que, ainda nos dias de hoje, apesar de as mulheres apresentarem os mesmos níveis de escolaridade que os homens, a remuneração em relação aos homens é menor, sem grandes justificativas.

Para além disso, a temática sobre violência é pertinente, uma vez que os casos de violência contra mulheres, infelizmente ainda se fazem presentes na nossa realidade.

### ***A centralidade do trabalho para a formação humana: apontamentos sobre Saffioti e seu vínculo educacional***

Ao se analisar a trajetória de Saffioti com intento de apreender como se deu sua relação com a educação, se faz pertinente lembrar que a autora não teve como objetivo em seus escritos tratar dessa questão, portanto, não se deve cobrar de um autor àquilo que não foi sua proposta de estudos. Não obstante, Saffioti não deixou nenhuma obra que verse especificamente a respeito de tal tema. Entretanto, entendemos que é possível apreender por meio dos estudos de seus textos, bem como de seus intérpretes, àquilo que vislumbrava sob tal questão.

Outrossim, vale lembrar que isto se torna possível a medida que nos aproximamos de seus escritos e empreendemos diálogos entre estes e os dos fundadores do materialismo histórico e dialético, cujos fundamentos embasam as análises e reflexões de Saffioti. Compreender a questão da educação na sociedade de classes, em nossa compreensão se faz urgente, ainda mais considerando os escritos de Saffioti, que apreende o movimento contraditório com o qual opera a lógica do capital para a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

É válido lembrar que o homem ao nascer já possui toda constituição biológica para desenvolver suas potencialidades, o que lhe é dado pela natureza não é suficiente para seu desenvolvimento autônomo. Isso significa que o homem não nasce homem, mas forja-se ao longo de sua trajetória de vida em que se insere em determinadas relações de trabalho. Assim, homens e mulheres são constituídos por meio de um conjunto de relações sociais historicamente construídas e modificadas historicamente em função das transformações sociais oriundas do processo de produção da vida material.

Por conseguinte, o trabalho não deve ser considerado como qualquer tipo de atividade, mas uma ação deliberada com objetivos definidos. Com efeito, por meio do trabalho e nas relações que estabelece com seus semelhantes, o ser humano transforma a natureza e a si próprio, tornando-se capaz de desenvolver suas capacidades intelectuais e manuais. Ao agir de forma intencional sobre a natureza que o cerca, objetivando transformá-la para atender as necessidades de sobrevivência, o homem deixa sobre ela as marcas do trabalho e transforma-se a si mesmo e permite o desenvolvimento da cultura. Daí depreendermos que a produção da vida material se torna de essencial para o processo de humanização do indivíduo e reprodução do gênero humano. (MARX; ENGELS, 1984).

O trabalho não pode ser analisado exclusivamente pelas suas diferentes formas ou pelas características técnicas presentes, mas é necessário considerar “o que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção”. (MARX; ENGELS, 1984, p. 28). De fato, a produção espiritual, não é outra coisa senão a forma pela qual os homens se relacionam na produção da vida.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a

produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (MARX; ENGELS, 1984, p. 27).

Assim, a produção da vida é a categoria central que expressa a materialidade ontológica dos homens. A constituição do homem ocorre por meio do trabalho (MARX, 2008). A partir do trabalho e das relações de trabalho que estabelece com seus semelhantes, o homem criou a si mesmo de forma qualitativamente distinta de outros animais, mas também como ser social e histórico capaz de modificar a realidade em que vive, criou também a civilização, a cultura e tudo o que delas emerge.

E qual seria o papel da educação nesse complexo social? A questão da educação deve ser compreendida como uma dimensão social, em última instância, do modo de produção da vida material; ou seja, a forma pela qual os homens se relacionam na produção da existência. Ora, considerando que vivemos em uma sociedade atravessada pelos conflitos de classes, impossível que a educação permaneça imune ou acima dos mesmos.

A educação é um campo da atividade humana e os profissionais da educação não construíram esse campo segundo ideias próprias, mas em conformidade com condições materiais e objetivas, correspondendo às forças produtivas e relações de produção adequadas aos diferentes modos e organizações da produção, historicamente construídas pelos homens e particularmente consolidadas nas mais diferentes formações sociais. (LOMBARDI, 2011, p. 353).

Dessa forma, o problema educacional não é algo isolado da sociedade, mas é decorrência de um modo de produção cujo alicerce é a opressão do homem pelo homem. A realidade social do capitalismo transforma tudo em mercadoria, inclusive o trabalhador.

As questões colocadas por Marx e Engels são problemas que ainda permanecem presentes na sociedade contemporânea por um motivo muito específico: o modo de produção capitalista e os problemas decorrentes ainda não foram superados. A esse respeito, isso não significa desconhecer as mudanças estruturais que transformaram a natureza da classe trabalhadora. Ricardo Antunes (2005) e (2011) demonstra que apesar das mudanças ocorridas no mundo do trabalho em nenhum momento foram suficientes para alterar a essência predatória do capital.

Isto posto, também não é possível negar que em um mundo de capitalismo internacionalizado as divisões de caráter raciais ou sexuais existentes no interior da classe trabalhadora.

[...] E quem quereria negar a importância de outras “identidades” além da de classe, das lutas contra a opressão sexual e racial, ou das complexidades da experiência humana em um mundo instável e mutável como o nosso, onde as solidariedades são tão frágeis e incertas? (WOOD, 1999, p. 17)

As contribuições de Wood demonstram que não se trata de aceitar o discurso identitário identificado com o movimento pós-moderno. Muito pelo contrário, esses fatos clamam por uma explicação alicerçada em uma perspectiva totalizante que nos leve a compreender a natureza de uma sociedade de classes. Neste sentido, é válido resgatar as contribuições de Saffioti (2013) que compreendem o movimento exploratório do capital como estrutural, que tendem a constituir uma dupla alienação no trabalhador, em duas dimensões distintas, porém relacionadas: objetiva e subjetiva, compreende-se que a divisão do trabalho

é algo para além da vontade do trabalhador e que esta, por sua vez, limita cada um a uma esfera de atividade exclusiva.

Considerando as limitações impostas a um artigo, nossa breve análise, ratifica-se que o intuito é contribuir ao debate acerca do pensamento de Saffioti, reiterando suas contribuições para o reconhecimento das contradições presentes na compreensão da condição da mulher nas sociedades de classes, bem como suas contribuições às gerações de pesquisadores que por meio de seus estudos dispõe da possibilidade de compreender tais questões. Vale dizer que vislumbra-se que Saffioti teve uma relação intensa com a educação durante toda a sua vida. Toda sua produção e atuação acadêmica, têm sentido educacional, tanto em sua atuação prática desde o início como professora primária, quanto a atuação nos níveis de ensino posteriores, como o superior. Ademais, sua produção teórica, responde às indagações e vincula-se com sua atuação prática-político, pode-se dizer, sem exageros, que Saffioti empreendeu uma verdadeira práxis em torno de tais questões.

Assim, insistimos que a luta pela superação do modo de produção capitalista e, conseqüentemente, pela emancipação humana requer a compreensão das contradições e conflitos presentes na sociedade, bem como uma ação coletiva intencional em torno de um projeto societário de superação da exploração do homem pelo homem e, nesta causa, a educação emancipadora certamente tem muito a contribuir.

### ***Algumas considerações***

Como indicado no início do artigo, nosso intento era compreender como se deu a relação de Heleieth Saffioti com a educação. Para tanto, se fez necessário conhecer a trajetória formativa da autora, bem como suas análises e localizá-las em seu respectivo escopo teórico, o socialismo científico. Partindo desses estudos, consideramos pertinente salientar que as diferentes formas de opressão que se materializam na vida dos trabalhadores são determinadas estruturalmente pelo modo de produção em que estão inseridas. Por isso, faz-se necessário a compreensão que as classes são constituem-se em simples abstrações, mas expressão das relações de produção que implica em contradições inseridas materializadas também em questões de gênero e etnia. Não se trata, portanto, de compreender a classe trabalhadora de forma fragmentada, uma ideia presente nos meios acadêmicos, como se a luta pela emancipação feminina se separasse de forma antagônica das lutas de classes. É importante, nesse sentido, compreender as particularidades da classe em sua totalidade.

Dessa forma, é ilusório acreditar que a igualdade de direitos entre os homens, o que inclui os direitos da mulher, ainda que importantes, seja suficiente para emancipação de todos. É preciso compreender que o Estado, legítimo representante dos negócios burguesia (MARX; ENGELS, 1998), não é uma instituição isolada das relações materiais. Trata-se de compreendê-lo como expressão dos interesses das classes dominantes.

É necessário, portanto, compreender que não é suficiente a luta pela superação do machismo e racismo sem tocar na questão da apropriação privada dos meios de produção. É importante reforçar que para o pensamento marxiano não existe a tese de uma natureza feminina, o que não passa de um

desdobramento da ideia de uma natureza humana e, dessa forma, uma abstração que reitera a existência de homens e mulheres imutáveis ao longo da história.

Entendemos que não é demais recordar que dentro da tradição marxista, a subordinação da mulher ao homem está inserida no processo de constituição da propriedade privada e da luta classes, o que fica claro na obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de autoria de Engels (1984), na qual Saffioti também buscou fundamentação para suas análises.

Ademais, na ideologia alemã, por exemplo, Marx e Engels demonstram:

As diversas fases de desenvolvimento da divisão do trabalho representam outras tantas formas diferentes de propriedade: ou, em outras palavras, cada nova fase da divisão do trabalho determina igualmente as relações dos indivíduos entre si, no que se refere ao material, ao instrumento e ao produto de trabalho [...] A estrutura social limita-se, portanto, a uma extensão da família: os chefes patriarcais da tribo, abaixo deles os membros da tribo e finalmente os escravos. A escravidão latente na família desenvolve-se paulatinamente com o crescimento da população e das necessidades, e também com a extensão do intercâmbio externo, tanto da guerra como da troca. (1984, p. 29-30).

Poderíamos trazer outros elementos da produção de Marx e Engels para demonstrar os vínculos da submissão da mulher com a organização da estrutura produtiva da sociedade, mas não podemos nos esquecer que esse problema não possui apenas uma dimensão econômica, já que a ideologia dominante expressa os valores dos grupos dominantes (MARX; ENGELS, 1984).

Heleieth Saffioti (1934-2010) compreendeu isso muito bem. Durante sua vida atuou ativamente como escritora, professora e estudiosa dessas relações de desigualdades. Ao nos debruçarmos a conhecer sua trajetória e compreender o teor de suas análises é possível verificar que estas, ao questionarem as estruturas sociais, dialogam e estão alinhadas à perspectiva epistemológica marxiana.

Ademais, a educação em seu pensamento se apresenta como possibilidade de construção de uma sociedade mais justa, por meio da práxis educadora das mulheres. Por fim, é válido reiterar que a luta pela superação das relações capitalistas de produção deve ser acompanhada também pela transformação da cultura e dos valores construídos historicamente. Dessa forma, se faz necessário a intervenção coletiva e deliberada pela superação das relações materiais que produzem as ideias dominantes e, neste sentido, ratifica-se a validade das contribuições de Heleieth Saffioti para tais intervenções.

### Referências

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GONÇALVES, R. O feminismo marxista de Heleieth Saffioti. *Lutas Sociais*, [S.l.], n. 27, p. 119-131, dez. 2011. ISSN 2526-3706. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18737/13930>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

- GONÇALVES, R. O pioneirismo de A mulher na sociedade de Classes. In: \_\_\_\_ SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- LOMBARDI, J. C. Algumas questões sobre educação e ensino em Marx e Engels. **Revista Histedbr Online**, Campinas, número especial, p. 347-366, abril/2011. Disponível: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639914/7477>> Acesso: 22 de mar. de 2020.
- MARX, K. **O Capital: crítica da Economia Política**. Livro Primeiro o processo de produção do Capital. 26 ed. Livro 1. v. I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.
- MENDES, J. C.; BECKER, S. Entrevista com Heleieth Saffioti. **Revista Estudos Feministas** (online). 2011, 19(1), 143-165. ISSN: 0104-026X. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38118774012>> Acesso em: 24 mar 2020.
- SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SAFFIOTI, H. I. B. Do artesanal ao industrial: A exploração da mulher: um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos. Editora HUCITEC, 1981.
- SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- WOOD, E. M. Introdução. In: WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy. **Em defesa da História: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

---

### Notas:

- <sup>1</sup> Doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-2008). Professor adjunto da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa: Fundamentos históricos da Educação: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/467818> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2397-5615> Email: [marco1964.ma@gmail.com](mailto:marco1964.ma@gmail.com)
- <sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9359-6779> Email: [ana\\_aires1@outlook.com](mailto:ana_aires1@outlook.com)
- <sup>3</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7917-688> Email: [crislainepita@hotmail.com](mailto:crislainepita@hotmail.com)
- <sup>4</sup> Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3375-6993> Email: [daniazariasesl@gmail.com](mailto:daniazariasesl@gmail.com)

Recebido em 29.03.2020

Aprovado em: 01.05.2020